

02 AGO / AUG

Domingo / Sunday

11:00 Igreja de N. Sra. da Estrela / N. Sra. da Estrela Church

MÚSICA DE CÂMARA / CHAMBER MUSIC

Raphaella Gromes, violoncelo

Julian Riem, piano

"FORTISSIMA"

Hildegard von Bingen (1098–1179)

O virtus Sapientiae, antífona

Johann Sebastian Bach (1685–1750)

Prelúdio n.º 1 em Dó maior, BWV 870 (Arr. Julian Riem n. 1973)

Lera Auerbach (n. 1973)

Prelúdio n.º 1 em Dó maior (de 24 Preludes)

Andante

Johann Sebastian Bach

Prelúdio n.º 10 em Mi menor, BWV 855 (Arr. Julian Riem)

Lera Auerbach

Prelúdio n.º 4 em Mi menor

Allegro ossessivo

Johann Sebastian Bach

Prelúdio em Mi bemol menor, BWV 853 (Arr. Julian Riem)

Lera Auerbach

Prelúdio n.º 14 em Mi bemol menor

Allegretto scherzando

Maria Szymanowska (1789–1831)

Nocturno em Si bemol maior (Arr. Julian Riem)

Luise Adolpha Le Beau (1850–1927)

Sonata op. 17

Allegro molto

Andante tranquillo

Allegro vivace

— INTERVALO / INTERVAL —

Rebecca Clarke (1886–1979)

Rhapsody

Molto lento – Allegro

Adagio e molto calmato

Allegro ritmico

Lento

Nadia Boulanger (1887–1979)

Trois pièces

Modéré

Sans vitesse et à l'aise

Vite et nerveusement rythmé

FORTISSIMA

Intitulado Fortissima, este concerto faz uma defesa muito forte das compositoras. Porquê, então, incluir Johann Sebastian Bach no programa?, poderá perguntar-se. Há algumas respostas possíveis. Em primeiro lugar, Bach é o pai de toda a música clássica ocidental, o que inclui a música escrita por compositoras. Em segundo lugar, ser programada ao lado do maior compositor de todos pode ser visto como o reconhecimento supremo. A verdadeira razão é provavelmente menos forçada. Lera Auerbach (n. 1973), compositora austro-americana de ascendência soviético-russa, cuja música alterna com a de Bach no programa deste concerto, recebeu a encomenda de escrever um ciclo de 24 prelúdios, à semelhança de *Das Wohltemperierte Klavier*, de Bach, um em cada tonalidade maior e menor, começando em Dó maior e seguindo o círculo das quintas. A principal diferença entre os dois ciclos é que Bach acrescentou uma fuga a cada prelúdio, ao passo que Auerbach compôs apenas prelúdios. Além disso, os prelúdios de Auerbach são mais curtos, a tonalidade é mais ambígua e o ambiente mais sombrio.

Auerbach não é apenas uma musicista - compositora, maestrina e pianista -, mas também artista visual e poeta. As suas composições são frequentemente acompanhadas por um poema, um livro ou uma escultura. Como tal, é muitas vezes apresentada como uma mulher renascentista ou homo universalis.

Se Bach é o pai da música clássica ocidental, Hildegard von Bingen (1098-1179) poderá muito bem ser considerada a mãe. Nascida no seio de uma família nobre da Renânia-Palatinado, na Alemanha, como décima filha, estava predestinada à vida

religiosa. Mas von Bingen não foi apenas uma beneditina que fundou um mosteiro, Rupertsberg; foi também compositora de canto litúrgico e autora de escritos sobre natureza, medicina e sexualidade. Por outras palavras, tal como Auerbach hoje, foi uma mulher renascentista.

Uma antífona é um breve canto litúrgico usado no culto cristão como refrão antes ou depois dos salmos, dos cânticos ou durante partes específicas da missa. A antífona *O virtus Sapientiae*, texto abaixo, louva o poder da sabedoria, tema que se ajusta perfeitamente à cultíssima von Bingen.

A primeira parte do concerto conclui-se com uma peça de cada uma de duas compositoras menos conhecidas que, como se ouvirá, merecem muito a atenção e o apreço de um público mais vasto.

A história de Maria Szymanowska é interessante. Nascida em Varsóvia, em 1789, foi uma pianista em grande medida autodidacta que desenvolveu uma carreira de sucesso, levando-a a actuar por toda a Europa. No entanto, o marido, com quem teve três filhos, desaprovava a sua carreira. Como era comum na época, considerava que uma mulher devia ficar em casa com os filhos. Isso acabaria por levá-la a decidir separar-se dele. Proferindo conferências, ensinando e dando concertos, conseguiu sustentar-se a si própria e aos filhos. As suas composições, muitas vezes enquadradas como música de salão, foram elogiadas por figuras como Robert Schumann e são precursoras das de Chopin.

Filha única de pais dedicados, Luisa Adolpha Le Beau (Grão-Ducado de Baden, hoje sudoeste da Alemanha, 1850-1927) recebeu uma boa educação, que cedo se concentrou na música. Teve uma carreira ilustre como pianista, que a levou aos Países Baixos e a Itália, mas, em paralelo, compôs também um conjunto substancial de obras. A sua Sonata para Violoncelo - evocativa, por vezes melancólica, e com uma bela profundidade e densidade sombria, sem ser sombria ou pessimista - exprime maravilhosamente o carácter do instrumento.

Duas grandes compositoras do século XX ornamentam a segunda parte do programa. Mas, se pensava que o passar do tempo teria melhorado a forma como as compositoras são apreciadas, a história de Rebecca Clarke abrir-lhe-á os olhos. A sua Sonata para Viola foi considerada demasiado boa para ter sido escrita por uma mulher, e o seu casamento extinguiu, na prática, a sua carreira.

Poder-se-ia argumentar que isso também acontece a compositores homens, mas, de algum modo, as obras de compositoras parecem permanecer por descobrir com maior frequência. O mesmo aconteceu com a Rhapsody para Violoncelo e Piano, de Rebecca Clarke. Composta em 1923, só na década de 2010 foi resgatada da Library of Congress, em Washington, D.C., e finalmente publicada. Como se ouvirá, reúne todos os ingredientes para integrar o cânone do repertório para violoncelo do século XX.

Nadia Boulanger talvez seja mais conhecida como professora eminente - muitos músicos lhe bateram à porta para estudar -, mas foi também uma compositora talentosa. No entanto, a morte prematura da sua talentosa irmã, que considerava melhor compositora do que ela própria, abafou as suas ambições. Felizmente, deixou um pequeno mas excelente catálogo de composições, entre as quais se encontram as *Trois pièces* para piano e violoncelo. De carácter impressionista, são uma excelente introdução à arte de Boulanger. A primeira peça demonstra o seu dom para a melodia, a segunda para o contraponto e a terceira para o ritmo.

Titled *Fortissima*, this concert makes a *very strong* case for the female composer. So why then include Johann Sebastian Bach in the program, you may ask. There are a couple of potential answers. First, he is the father of all Western classical music, which includes the music of female composers. Secondly, it could be seen as the ultimate acknowledgement to be programmed alongside the greatest composer of all. The real reason is probably less contrived. Lera Auerbach (*1973), an Austrian-American composer of Soviet-Russian descent, whose music alternates with Bach's on today's concert program, was commissioned to write a cycle of 24 preludes, similar to Bach's *Das Wohltemperierte Klavier*, one each in every major and minor key starting with C major and following the circle of fifths. The main difference between the two cycles is that Bach added a fugue to each prelude, whereas Auerbach only composed preludes. Moreover, Auerbach's preludes are shorter, the key is more ambiguous and the mood is darker.

Auerbach is not only a musician (composer, conductor, and pianist), but also a visual artist and poet. Her compositions are often flanked by a poem, a book, or a sculpture. As such she is often portrayed as a Renaissance woman or *homo universalis*.

If Bach is the father of Western classical music, Hildegard von Bingen (1098 – 1179) may well be considered the mother. Born into a noble family in Rhineland-Palatinate (Germany) as the tenth child, she was predestined for a religious life. But Von Bingen was not only a Benedictine who founded a monastery (Rupertsberg), but also a composer of Gregorian music, and a writer on nature, medicine and sexuality. In other words, just like Auerbach now, she was a Renaissance woman.

An antiphon is a short, liturgical chant used in Christian worship as a refrain before or after psalms, canticles, or during specific parts of the Mass. The antiphon *O virtus*

Sapientiae (lyrics below) sings praise of the power of wisdom, a topic that neatly fits the highly educated Von Bingen.

The first part of the concert concludes with one piece each of two lesser known female composers who, as you will hear, very much deserve the attention and appreciation of a wider audience.

Maria Szymanowska's story is an interesting one. Born in Warsaw in 1789, she was a mostly self-taught pianist who developed a successful career that led her all over Europe. However, her husband, with whom she had three children, disapproved of her career. As was the case in those days, he thought a woman should be at home with the children. It eventually made her decide to separate from her husband. Lecturing, teaching, and giving concerts, she managed to provide for herself and her children. Her compositions, often framed as salon music, were praised by the likes of Robert Schumann and are precursors to Chopin's.

As an only child of dedicated parents, Luisa Adopha Le Beau (Grand Duchy of Baden, now Southwest Germany, 1850 – 1927) received a good education that soon focused on music. She had an illustrious career as a pianist that brought her to The Netherlands and Italy, but in parallel she also composed a substantial body of works. Her Cello Sonata – evocative, at times melancholy, and with a beautiful depth and darkness of sound, without being gloomy or pessimistic – wonderfully expresses the character of the instrument.

Two female giants of 20th-century composing adorn the second half of the program. But if you thought that time would have improved the appreciation of female composers, Rebecca Clarke's story will open your eyes. Her Viola Sonata was considered to be too good to be written by a female composer, and her marriage effectively extinguished her career.

One could argue that it happens to male composers too, but somehow works by female composers seem to remain undiscovered more frequently. The same happened to Rebecca Clarke's Rhapsody for Cello and Piano. Composed in 1923, it wasn't until the 2010s that it was unearthed from the Library of Congress in Washington D.C. and finally got published. As you will hear, it has all the ingredients to be part of the canon of 20th-century cello repertoire.

Nadia Boulanger may be better known as a pre-eminent teacher – many musicians knocked on her door for instruction – but she was a gifted composer too. However, the untimely death of her talented sister, whom she considered to be the better composer, smothered her ambitions. Fortunately, she did leave behind a small but excellent portfolio of compositions, among which is the *Trois pièces* for piano and cello. Impressionistic in character, they are a great introduction to Boulanger's art.

The first piece demonstrates her gift for melody, the second for counterpoint and the third for rhythm.

[Bart de Vries](#)

O virtus Sapientiae, lyrics

O virtus Sapientiae,
Quae circuiens circuisti
Comprehendendo omnia
In una via, quae habet vitam
Tres alas habens
Quarum una in altum volat
Et altera de terra sudat
Et tertia undique volat
Laus tibi sit, sicut te decet
O Sapientia

O strength of Wisdom, who, circling, has
circled
comprehending all in one path
which has life, having three wings,
of which one flies in the heights,
and another waters (or "distils"/sweats)
from the earth,
and the third flies everywhere.
Praise be to you, as it ought to be, O
Wisdom.